



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III – GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS**

RAYANE DIAS DOS SANTOS

**AS INFLUÊNCIAS FAMILIAR, RELIGIOSA E SOCIAL EM “MEMORIAL DE MARIA
MOURA” DE RACHEL DE QUEIROZ**

**GUARABIRA
2019**

RAYANE DIAS DOS SANTOS

AS INFLUÊNCIAS FAMILIAR, RELIGIOSA E SOCIAL EM “MEMORIAL DE MARIA MOURA” DE RACHEL DE QUEIROZ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Letras Português.

Área de concentração: Literatura brasileira.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rosângela Neres Araújo da Silva.

**GUARABIRA
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237 Santos, Rayane Dias dos.
As influências familiar, religiosa e social em "memorial de Maria Moura" de Rachel de Queiroz [manuscrito] / Rayane Dias dos Santos. - 2019.
24 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Portugêses) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva, Coordenação do Curso de Letras - CH."
1. Literatura brasileira. 2. Obra modernista. 3. Rachel de Queiroz. 4. Influências. I. Título

21. ed. CDD B869.3

RAYANE DIAS DOS SANTOS

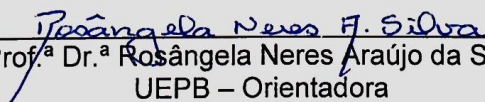
AS INFLUÊNCIAS FAMILIAR, RELIGIOSA E SOCIAL EM “MEMORIAL DE MARIA MOURA” DE RACHEL DE QUEIROZ


Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Letras Português.

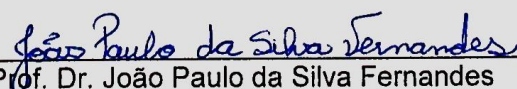
Área de concentração: Literatura brasileira.

Aprovada em: 29/11/2019.

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Dr.^a Rosângela Neres Araújo da Silva
UEPB – Orientadora


Prof.^a Ma. Danielle dos Santos Mendes Coppi
UEPB – Examinadora


Prof. Dr. João Paulo da Silva Fernandes
IFPB – Examinador

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, agradeço a Deus por me conceder essa conquista.

À minha família, principalmente meu pai Rosivan Dias, pelo crucial incentivo e por estar sempre disposto a me ajudar de todas as formas possíveis.

Aos amigos e amigas de sempre, dos quais posso compartilhar alegrias e aflições no decorrer do caminho.

À professora e orientadora Rosângela Neres, por nortear minhas ideias e contribuir com as sugestões de leitura.

A todos os professores que me inspiram nessa caminhada que está apenas começando.

À minha família, em especial meu pai, pelo inestimável apoio, DEDICO.

“O homem é, em sua essência, produto do meio”

Karl Marx

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	A OBRA MODERNISTA E RACHEL DE QUEIROZ	9
3	DAS INFLUÊNCIAS	13
3. 1	Familiar	13
3. 2	Religiosa	16
3. 3	Social	18
4	REALIDADE E FICÇÃO	20
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
	REFERÊNCIAS	23

AS INFLUÊNCIAS FAMILIAR, RELIGIOSA E SOCIAL EM “MEMORIAL DE MARIA MOURA” DE RACHEL DE QUEIROZ

SANTOS, Rayane Dias dos¹

RESUMO

Esta pesquisa busca explorar as conexões entre a literatura e a realidade, analisando alguns dos comportamentos dos personagens sob a ótica de suas narrações, levando em consideração a herança cultural recebida nos âmbitos familiar, religioso e social do lugar e época em que se passa a narrativa: o sertão nordestino do século XIX. A obra modernista escolhida, *Memorial de Maria Moura* (1992) de Rachel de Queiroz, apresenta diferentes personalidades que vão sendo moldadas no decorrer da narrativa, revelando as influências, desejos e motivações que contribuiram na construção de suas identidades. Outro objetivo deste estudo é discorrer sobre a escrita de Rachel de Queiroz, como sendo um dos importantes nomes da literatura brasileira regionalista, enfatizando a sua representatividade feminina e nordestina na história literária do país e em suas obras ficcionais, que trazem criações capazes de refletir de forma espontânea os aspectos culturais da sociedade, no sertão nordestino, com memórias que resgatam a cultura da época e mostram os resquícios que foram deixados e ainda se fazem presentes nos dias atuais.

Palavras-chave: Literatura brasileira. Obra modernista. Rachel de Queiroz. Influências.

ABSTRACT

This research seeks to explore the connections between literature and reality, analyzing some of the characters' behaviors under the optics of their narrations, taking into consideration the cultural heritage received at the family, religious and social levels of the place and time of the narrative: the northeastern backlands of the 19th century. The modernist work chosen, *Memorial de Maria Moura* (1992) by Rachel de Queiroz, presents different personalities that are molded throughout the narrative, revealing the influences, desires, and motivations that contributed for the construction of their identities. Another purpose of this study is to discourse about Rachel de Queiroz's writing, being one of the important names of regionalist Brazilian literature, emphasizing her female and northeastern representativeness in the literary history of the country and on her fictional works, which bring creations capable of spontaneously reflect the cultural aspects of society in northeastern backlands, with memories that recue the culture of the time and show remnants that are still present today.

Keywords: Brazilian literature. Modernist work. Rachel de Queiroz. Influences.

¹Graduanda em Letras Português pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), sob a orientação da professora Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva. E-mail: eurayanedias@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A literatura permite o contato com os mais diversos conteúdos do mundo, passando por várias fases e estilos. É possível observar as manifestações culturais de um povo à mais profunda intimidade de um indivíduo.

No Modernismo, é proporcionado aos artistas brasileiros a oportunidade de ousar em suas criações, trazendo espaço para novas ideias e impactar com sua singularidade. O termo “moderno” envolve tudo que é novo e tem o poder de estar sempre se referindo a algo atual.

Dentre os romances regionalistas nordestinos, do movimento literário em questão, terá destaque alguns aspectos sociais da obra ficcional **Memorial de Maria Moura** (1992), de Rachel de Queiroz. O foco está nas observações acerca da narrativa e sua capacidade de refletir as semelhanças e diferenças do povo do sertão. Segundo Antonio Candido (2000):

(...) a função social independe da vontade ou da consciência dos autores e consumidores de literatura. Decorre da própria natureza da obra, da sua inserção no universo de valores culturais e do seu caráter de expressão, coroada pela comunicação. Mas quase sempre, tanto os artistas quanto o público estabelecem certos desígnios conscientes, que passam a formar uma das camadas de significado da obra. O artista quer atingir determinado fim; o auditor ou leitor deseja que ele lhe mostre determinado aspecto da realidade. (CANDIDO, 2000. p. 46)

É com essa percepção que foi desenvolvida esta pesquisa. Se por um lado trata-se de uma obra ficcional, com personagens ficcionais; por outro está exposta a realidade de todo um grupo social, lugar e época: as pessoas do sertão nordestino do século XIX.

Esse estudo circunda pontos específicos da narrativa, os quais encontramos reproduções de características da sociedade inseridas numa criação literária. Na obra, foi separado três principais fatores influenciadores presentes na narrativa: a família, a Igreja Católica e a sociedade. Sendo eles os responsáveis por educar o indivíduo para viver em sociedade, orientar espiritualmente para o contato com o divino e aceitar ou recusar ações individuais que afetam a coletiva, respectivamente.

A escrita de Rachel de Queiroz desempenha o importante papel social de expor valores culturais nordestinos, descrevendo espaços e costumes, dando vida aos seus personagens que são a representação de muitos homens, muitas mulheres e crianças do sertão. A obra escolhida exhibe com maestria tais valores.

2 A OBRA MODERNISTA E RACHEL DE QUEIROZ

“Minhas mulheres são danadas, não são? Talvez seja ressentimento do que não sou e gostaria de ser.”

Rachel de Queiroz

Rachel de Queiroz é um dos grandes nomes da literatura brasileira, principalmente quando se trata de Modernismo, em especial obras regionalistas nordestinas. A autora começou muito jovem escrevendo para o jornal, tornou-se uma cronista respeitada, ficou conhecida nacionalmente logo após o seu primeiro romance **O Quinze** (1930) e tem uma vasta lista de trabalhos publicados, dentre eles será destacado nesta pesquisa seu sétimo e último romance: **Memorial de Maria Moura** (1992).

Alfredo Bosi (2006, p. 383) afirma que “há um estilo de pensar e de escrever anterior e um outro posterior a Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Manuel Bandeira. A poesia, a ficção e a crítica saíram renovadas do Modernismo.” como consequência da Semana de Arte Moderna que aconteceu em fevereiro de 1922 e Bosi (2006, p. 303) com muita propriedade diz que “se impôs à atenção da nossa inteligência como um divisor de águas”, o primeiro passo para a construção e amadurecimento da literatura moderna que emerge nos anos de 1930.

Como resultado desse movimento literário, a literatura nacional ganhou novas abordagens e temáticas. Rachel de Queiroz desempenhou o importante papel de eternizar nas palavras o âmbito social nordestino, tendo o cuidado com a linguagem, os cenários, a cultura e por fim, mas não menos importante, a mulher nordestina. A obra **Memorial de Maria Moura** nos apresenta personalidades singulares de mulheres e homens, dentre as quais a de maior destaque é a da protagonista Maria Moura. O romance também nos mostra a pobreza e as dificuldades do povo do sertão, os conflitos familiares e a presença da igreja católica que é tão marcante no interior nordestino.

Memorial segundo o dicionário Houaiss (2015) de língua portuguesa significa “relato de memórias”. No romance, isso funciona como um resgate de experiências ocorridas com cada narrador personagem e os eventos que trouxeram de alguma forma uma ligação com a protagonista e vice-versa. De início, a autora nos traz cinco

narradores personagens, permanecendo três no decorrer da narrativa: Maria Moura, Marialva e “O Beato Romano/O Padre” (sendo os outros dois narradores “O Tonho” e Irineu). A cada narração os personagens compartilham de suas histórias, que vão acontecendo paralelamente com as dos outros narradores, muitas vezes resgatando lembranças de maneira que os acontecimentos se conectem, formando assim o *Memorial* de Maria Moura. Essa técnica de recuperar memórias é uma das características marcantes nos textos de Rachel de Queiroz e se sobressai principalmente na obra aqui estudada.

As obras queirozianas são materiais de estudo de muitos acadêmicos. Nessa obra ficcional em questão, a autora, que foi uma grande cronista brasileira, faz a proeza de envolver as leitoras e leitores a cada capítulo, na maioria das vezes breve como crônicas e repleto de ação, apesar de que nem sempre foi vista de forma positiva pela crítica, como podemos notar no recorte de uma entrevista publicada em *Cadernos de Literatura Brasileira* encontrada na dissertação de mestrado de Laile Ribeiro de Abreu (2011, p. 22):

Cadernos: De que maneira a Sra. tem se relacionado com a crítica? Ela chegou a influenciar o seu trabalho, pelo menos no caso de observações aparecidas em textos de escritores e não de críticos profissionais? De que modo? E como a Sra. vê o papel da crítica na atualidade?

Rachel de Queiroz: A crítica sempre foi muito benevolente comigo. Hoje eu sinto que praticamente não existe mais aquela figura do grande crítico, que pontificava no jornal, cujos artigos eram quase sentenças. [...]. Quanto à influência, eu digo a você que tenho um coração muito humilde. Quando publiquei *Memorial de Maria Moura*, a primeira crítica que li foi na *Veja* e falava muito mal do livro. Fiquei pensando no que o homem tinha escrito e achei que ele tinha toda razão. É verdade que a crítica falava que o romance ia ficar muito bem na televisão e, dois anos depois, a minissérie *Memorial de Maria Moura* foi um sucesso. Mas eu só via o lado negativo do artigo. Fiquei arrasada uma semana. (CADERNOS..., 1997, p. 24 apud ABREU, 2011. p. 22)

Rachel de Queiroz na condição de mulher nordestina se destaca com sua escrita singular e criação de personagens femininas inquietas e sertanejas. A escritora conseguiu em sua narrativa destacar aspectos da época (século XIX) e também aspectos de conversam com este século.

Segundo Antonio Candido (2000):

A literatura é pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o

autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo. (CANDIDO, 2000. p. 74)

Dessa forma, podemos observar como se estende o talento da escritora cearense. A mesma que já se destaca com seus textos memorialistas, através da literatura consegue unir fatos passados com aspectos do presente e visando o futuro. Por isso são importantes as datas. De acordo com Bosi (2006, p. 383) “O termo *contemporâneo* é, por natureza, elástico e costuma trair a geração de quem o emprega”.

Tendo em vista tal afirmação, pode-se dizer que a literatura está interligada a uma realidade social, apontando, denunciando e registrando, ainda que por vezes recorra ao exagero para deixar nítido um ponto de vista, há uma conexão entre a literatura e a época em que ela é criada. E ainda soma-se os pensamentos da autora ou do autor que, diferente das pessoas comuns, são mais sensíveis, criativos, questionadores e melhor: pensadores.

Vale ressaltar as palavras de Bosi (2006, p. 331) ao dizer que “Quanto ao termo ‘modernista’, veio a caracterizar, cada vez mais intensamente, um *código novo*, diferente dos códigos parnasiano e simbolista. ‘Moderno’ inclui também fatores de *mensagem*: motivos, temas, mitos modernos.”. Há divergências evidentes entre o modernismo e as escolas literárias que o antecedem, uma vez que o Modernismo além de oferecer novos conteúdos, trouxe também novas formas de transmitir tais conteúdos e por isso se entende o “tema” e o “código”, respectivamente, do Modernismo, como foi dito por Bosi.

Rachel de Queiroz, contribuiu com a literatura brasileira com uma postura autêntica, desde muito jovem lidando de forma natural com as críticas, defendendo seus ideais, mostrando seu ponto de vista sobre a sociedade, não só na vida real como em suas obras ficcionais.

A autora foi capaz de se impor sem que fosse necessário o uso da arrogância, recurso muitas vezes utilizado como uma defesa para intimidar as pessoas ao redor. Usou de sua inteligência e pensamentos com modéstia e conquistou o respeito de quem conhecia e conhece seu nome. Suas personagens femininas são representações de inquietação, coragem e força, mulheres “danadas”, como chegou a afirmar Rachel de Queiroz, a especialidade da autora. Vejamos a fala da personagem Maria Moura (p. 100) “Quem está aqui é Maria Moura, chefe de vocês, herdeira de uma data na sesmaria da Fidalga Brites, na Serra dos Padres. Vamos lá,

arreiem os animais.” e ainda “Saí na frente, num trote largo. Só mais adiante segurei as rédeas, diminuí o passo do cavalo, para os homens poderem me acompanhar.” (p. 606).

A autoria de Queiroz auxiliou na conquista de um espaço que até então era comum aos homens, já que por um longo tempo a função da mulher na sociedade se limitava a tarefa de cuidar da casa, dos filhos e do marido, na vida e conseqüentemente na arte, assim como uma imita a outra. Se nos séculos passados na literatura as personagens femininas eram meras criações de homens, entre grandes escritoras, Rachel de Queiroz – primeira mulher a ocupar uma cadeira na ABL (Academia Brasileira de Letras) – vem fortalecer o movimento feminista ganhando um espaço privilegiado no âmbito artístico, lapidando personagens que mostram o incômodo causado pelos limites impostos pela sociedade.

É importante frisar que com apenas dezessete anos, a jovem jornalista (profissão que exerceu durante muitos anos de sua vida), ganhou notoriedade de Maria Lacerda de Moura, uma anarquista conhecida da época que lutou pelas causas femininas. Maria Moura – nome dado a personagem protagonista de sua última obra de ficção. Não é por acaso que a escritora cearense percorreu um caminho tão rico literariamente, sua mãe foi uma grande influenciadora nas suas escolhas literárias que começaram assim que aprendeu a ler e também o seu pai apreciava a leitura de jornais. Vinda de uma família de intelectuais, a leitura sempre se fez presente em sua vida, como podemos observar nesse trecho do trabalho de Natália de Santana Guerellus:

Nascida em 1910, primogênita de uma família de proprietários de terras no interior do estado, marcada por tradicional participação política, Rachel não fugiria à regra. Aliás, como afirma em entrevista de 1986, “- ... menino criado em casa de intelectual, ou é intelectual também, ou é cretino...”². Cretina não era. (GUERELLUS, 2013. p. 03)

Na obra **Memorial de Maria Moura** será analisada as influências familiar, religiosa e social na ótica das vozes narrativas de Maria Moura, Marialva, “O Beato Romano/O Padre”, “O Tonho” e Irineu, com mais ênfase nas três primeiras, que são as personagens centrais, uma vez que as vozes dos dois últimos só aparecem no início da obra. Assim como o indivíduo tem a identidade construída a partir dos fundamentos do meio em que vive, também as criações das personagens partem de um princípio.

3 DAS INFLUÊNCIAS

3.1 Familiar

A narrativa se passa no sertão nordestino do século XIX. Tradicionalmente as meninas eram criadas para serem submissas aos seus pais, especialmente a figura paterna, e quando mulheres ao marido, assim como sua mãe, avó, bisavó e as outras mulheres que as antecedem. Os meninos eram criados para ocupar o lugar dos seus pais, serem chefes de família e administrar os bens que mais tarde herdariam.

Todo indivíduo adquire uma herança cultural que se manifesta em suas ações e a primeira delas é recebida no ambiente familiar. No desdobramento da narrativa os personagens revelam memórias que motivam suas ações. A cultura da época está refletida em muitos detalhes, como: o vocabulário, o comportamento, as vestes, os costumes, etc. Cada personagem mostra sua razão de ser e que desejos afloram em seu íntimo.

Temos duas narradoras femininas que são diferentes em diversos aspectos: Maria Moura e Marialva. A primeira, filha única que perdeu o pai ainda criança e a mãe aos dezessete anos, fugiu com seus empregados abandonando sua casa as chamas, que ela mesma quis provocar, para não ser levada a força pelos primos e seus homens, que queriam a qualquer custo tomar posse de Maria Moura e sua herança; a segunda tinha dois irmãos, Tonho e Irineu, que administravam os bens da família e a faziam totalmente dependente deles, não tinha liberdade alguma e para se casar e construir sua família precisou fugir, pois os irmãos para não dividir os bens da família eram contra o casamento de Marialva. É o retrato da mulher oprimida.

Maria Moura foi criada como as demais filhas de fazendeiro, rodeada de serviçais e com proibições que visavam proteger a sua reputação:

Quando menina, ainda saía pela mata com os moleques, matando passarinho de baladeira, pescando piaba no açudinho, usando como puçá o pano da saia. Mas depois de moça, a gente fica presa dentro das quatro paredes da casa. (...) O curral é proibido, vive cheio de homem. E ainda tem o touro, fazendo pouca-vergonha com as vacas. Fica até feio moça ver aquilo. (QUEIROZ, 2008. p. 72-73)

Após ficar órfã aos dezessete anos, precisou tomar atitudes radicais incomuns para a pessoas de sua época e classe social. Apesar dos tempos difíceis no sertão nordestino, Maria Moura provinha de uma família de posses. Quando viu seu patrimônio e até mesmo sua vida ameaçados por Liberato, esta fez com que Liberato fosse morto. Ao perceber que seus primos ameaçavam tomar sua casa e ela como se a mesmo fosse uma propriedade, preferiu destruir tudo e ir em busca das terras que pertenciam ao seu pai chamada de Serra dos Padres:

Minha primeira ação tinha que ser a resistência. Eu juntava os meus cabras — os três rapazes, João Rufo (que em tempos antes já tinha dado as suas provas). Os dois velhos podiam servir pra municiar as armas, na hora da precisão. Eu queria assustar o Tonho. Nunca se viu mulher resistindo à força contra soldado. Mulher, pra homem como ele, só serve pra dar faniquito. Pois comigo eles vão ver. E se eu sinto que perco a parada, vou-me embora com os meus homens, mas me retiro atirando. E deixo um estrago feio atrás de mim. Vou procurar as terras da Serra dos Padres — e lá pode ser para mim outro começo de vida. Mas garantida com os meus cabras. Pra ninguém mais querer botar o pé no meu pescoço; ou me enforcar num armador de rede. Quem pensou nisso já morreu. (QUEIROZ, 2008. p. 49)

Com Marialva havia um agravante: a ganância dos irmãos e de sua cunhada.

A Firma logo arrebitou a orelha. Entre os três — ela, o Tonho e o Irineu — era ela quem mais medo tinha de que eu me casasse, botasse marido dentro de casa, cobrando deles a minha parte de tudo. E ainda mais: eu, novinha, sadia, podia ter uma récuca de filhos para virem azucrinar os tios. (QUEIROZ, 2008. p. 106)

Seus irmãos não permitiam que ela tivesse um relacionamento para que não fosse necessário a divisão de bens que se dava na quantidade de terras que possuíam:

A verdade é que todo aquele nosso povo, tal como os meus irmãos e a minha cunhada, só dava valor à terra, sobre tudo neste mundo. E não eram só os fazendeiros, mas os padres, as beatas, os comerciantes, o pessoal da rua e do mato: pra eles só vale a terra, acima de qualquer outro bem. (QUEIROZ, 2008. p. 107)

No século XIX, era comum o casamento entre primos, para facilitar o acúmulo de terras, e assim, aumentar o prestígio perante a sociedade da época que muito valorizava a quantidade de terras possuída. Por isso o interesse de Irineu, tanto quanto de Tonho, em querer a qualquer custo casar-se com Maria Moura, como observado no trecho narrado pelo personagem “O Tonho”:

O Irineu estava se rindo:

— Inventei o caso do namoro pra preparar o caminho. Caso de amor entre primos, todo mundo entende. Quando eu carregar a Moura, eles vão achar que está tudo explicado e ficam esperando casamento. (QUEIROZ, 2008. p. 66)

E também no trecho narrado pelo personagem “O Beato Romano”:

Nascia muita criança defeituosa, ‘criança boba’, eles diziam, que mal aprendia a falar, e não tomava tenência da vida, ao virar gente grande. Segundo a velha parteira, da geração de Seu Franco, isso seria devido a tanto se casar prima com primo. Será? (QUEIROZ, 2008. p. 386-387)

No que diz respeito aos personagens masculinos, o denominado “O Tonho” na narrativa apresenta um comportamento machista, opressor e violento, tanto quanto ou mais que seu irmão Irineu, com relação as mulheres, principalmente pelas mulheres que eram “malfaladas” e tratadas por “quenga”, adjetivo com sentido pejorativo dado as mulheres solteiras que não eram virgens e as prostitutas, como visto no trecho em que os personagens conversam:

O Irineu parece que não estava gostando da minha conversa:

— Na mão de um marido macho mesmo, ela se aquieta. Nem que seja a poder de relho.

Agora, quem de novo não gostava era eu:

— Eu nunca bati em mulher.

E ele:

Ora, mano! E a surra de peia que você deu naquela Sabina Roxa? A pobre ficou uma semana em folhas de bananeira pra sarar o couro.

— Quando eu digo *mulher*, é outra coisa. Aquilo era só uma quenga. Moleca muito sem-vergonha.

— Pode ser. Mas você quase matou a rapariga. (QUEIROZ, 2008. p. 57-58)

Às mulheres da época não era permitido liberdade sexual e resquícios dessas proibições podem ser vistas ainda nos dias atuais, como se o ato sexual fosse um “pecado” admissível apenas para os homens.

Quanto ao personagem denominado “O Beato Romano”, teve sua vida definida por uma promessa feita por sua mãe após seu nascimento, o que lhe custou o direito da escolha e causou uma tragédia em sua vida. É outro costume da época fazer promessa à custa do outro que será analisada com mais clareza na próxima abordagem.

3. 2 Religiosa

A religião católica tem uma presença muito forte no nordeste, uma das primeiras regiões a ser colonizada pelos europeus, trazida como uma herança. Apesar da diversidade religiosa no Brasil, a religião católica ainda é a predominante, como mostra os estudos de Scott William Hoefle (1995):

O catolicismo foi a religião européia introduzida no Brasil durante a Conquista e, hoje em dia, a maioria esmagadora de sertanejos são ainda membros dessa religião. Entretanto, nas últimas três décadas, as seitas protestantes aumentaram no Sertão, onde são populares entre pequenos comerciantes da classe média e os pobres das cidades. Os cultos afro-brasileiros e o espiritismo estão também crescendo em popularidade e interesse, especialmente entre os pobres urbanos das comunidades maiores. (HOEFLE, 1995. p. 26-27)

Duas décadas depois, mesmo sendo um passado não muito distante, suas afirmações parecem ser de estudos recentes. Em **Memorial de Maria Moura**, uma das vozes narrativas é a do personagem Padre José Maria, denominado nos capítulos como “O Padre” ou “O Beato Romano”, ele representa a força e a fraqueza religiosa: a força em transmitir sua doutrina que perpassa os séculos e a fraqueza em muitas vezes não conseguir cumpri-las.

O personagem revela sua amargura em um capítulo de suas narrações que se tornou padre para cumprir uma promessa, o que acabou se tornando um fardo em sua vida:

— Minha mãe também fez promessa quando eu nasci; quase toda mãe, nos apertos do parto, faz qualquer promessa — para o filho pagar depois, às vezes à custa da própria vida. Fazem altarcinho de brincadeira para a criança fingir que diz missa. O dia do batizado é uma festa, com a consagração do menino ao santo. Outra festa é o crisma. Na primeira comunhão, até vestem uma batina branca no infeliz — que, desde essa hora, já se sente comprometido. Ai de mim! (QUEIROZ, 2008. p. 226)

Em sua fala é fácil perceber a sua indignação no uso do termo “infeliz” e pela ideia de introdução forçada da vontade de ser padre, uma determinação imposta por outra pessoa de viver um sonho que não foi criado por ele. Deixa transparecer seu enfurecimento com relação as promessas feitas dessa maneira quando diz “Eu baixei a cabeça. Mas o que sentia era vontade de agarrar pelos ombros aquela idiota gorda, dar-lhe uns sacolejões, até que ela perdesse o fôlego. Antes esganasse o filho ao

nascer. Promessa!” (p. 226) se referindo a personagem Dona Joanhinha, que prezava pela promessa que sua mãe fez para seu neto intercedendo a São Raimundo Nonato “se o menino escapasse, haveria de ser Padre.” (p. 226).

Há também a promessa do personagem Valentim, feita por sua mãe em mais um momento de temor a morte:

(...) minha mãe gritou: “Valei-me Senhor do Bonfim!” ao me ver como morto, embolado na areia. E o Senhor do Bonfim acudiu, diz ela. Eu não me lembro de nada. (...) Foi quando eu ainda estava desacordado que minha mãe fez a promessa por mim: se eu escapasse com vida ia passar um ano pedindo esmola para o Senhor do Bonfim — “e pelo amor de Deus”. (QUEIROZ, 2008. p. 91)

O personagem Valentim, numa postura de obediência e respeito assume a promessa como se tivesse sido feita por ele mesmo:

(...) Valentim beijou o vidro que protegia o santo e virou-se para mim:
— Estou cumprindo uma promessa. No fim do ano passado corri um grande perigo e me vali do Senhor do Bonfim. Prometi que ia passar um ano, batendo de porta em porta, de casa em casa, pedindo esmola pelo amor de Deus. (QUEIROZ, 2008. p. 87)

Como se fosse numa espécie de negociação com Deus e os Santos, as pessoas fazem promessas na esperança de receber algo ou agradecer por uma dádiva recebida em troca de uma penitência. Com o personagem Padre José Maria o custo é alto e compromete toda uma vida causando problemas quando este se apaixonou e engravida a personagem Bela, fato que acabou em uma tragédia. Quanto ao personagem Valentim, seu compromisso é difícil mas não cruel, uma vez que é por um tempo determinado. Entretanto, nota-se que ambas as promessas feitas por mães em momentos de desespero, são criadas de uma forma que põe a responsabilidade no outro: se a prece for realizada o outro está comprometido a saldar uma dívida ainda que não a tenha feito, caso contrário a promessa não precisará ser cumprida.

A personagem Maria Moura quando se sentiu ameaçada e sozinha, com medo de ter o mesmo destino que sua mãe, também faz uma tentativa de se aproximar e ter Deus ao seu favor, como um aliado:

Naquele dia, na igreja, eu mesma nunca entendi por que fui me confessar. Talvez só para tomar coragem. De certa forma, quem sabe, para botar Deus do meu lado. Era uma espécie de recurso desesperado, eu não sabia o que fazer de mim. Só o que eu sabia era que tinha de matar o Liberato. Falei com o padre no pecado da carne, mas o que eu temia mesmo não era o castigo do pecado... Eu tinha medo que o Liberato me matasse, como matou Mãe. Primeiro tinha sido Mãe. Agora ia ser eu. (QUEIROZ, 2008. p. 15)

Ignorando o quinto mandamento da Lei de Deus: “Não mate.” (BÍBLIA, 1991. p. 92), a personagem busca na igreja, num “recurso desesperado”, encontrar um refúgio, alguém para dividir o que a afligia e era maior que o temor de desobedecer a Deus:

E então, por que não morrer ele? eu indagava de mim, naquele terror que não me largava, com o vulto enforcado de Mãe sempre defronte dos olhos. Por que não ele?

O pior é que eu não podia falar com ninguém, nem tinha ninguém com quem falar, se pudesse. E já ia ficando com medo de acabar louca.

Por isso é que fui desabafar no confessorário. (QUEIROZ, 2008. p. 15)

Encontra no Padre um intermediário entre ela e o divino ou uma forma de encontrar Deus dentro de si mesma, num esforço de justificar suas escolhas e torná-las perdoáveis ou apenas suportáveis.

Deus e a morte são mistérios que cercam a humanidade há milênios. A necessidade de sentir fé e o medo do desconhecido está enraizado de forma profunda na sociedade e, como a arte recria a realidade, se faz presente na literatura.

3. 3 Social

Maria Moura, assim como os demais personagens proprietários de terras, ambicionava o poder. Mas havia uma restrição na época que dificultava o alcance de seus objetivos: ela era uma mulher.

Um dos aspectos sedutores da obra é a rebeldia, determinação e empoderamento que se encontra na personagem protagonista. A autora dedica a Rainha Elizabeth I a inspiração na construção de Maria Moura. As semelhanças entre a Rainha da Inglaterra e a guerreira do sertão são muitas, pois ambas tiveram suas vidas rodeadas pela tragédia. Elizabeth com menos de três anos perdeu sua mãe que foi condenada a decapitação por seu pai Henrique VIII e Maria Moura com dezessete anos encontrou sua mãe morta enforcada, que mais tarde concluiu que foi pelas mãos de seu padrasto; superaram a dificuldade econômica, usaram de sua astúcia para alcançar seus objetivos, abdicaram do casamento, para proteger o poder que prezavam; e a maternidade.

Assim como seu avô e pai, Maria Moura desejava possuir terras como sinônimo de riqueza e poder. Quando ficou órfã a jovem deixou o lugar onde cresceu entregue

as chamadas para ir em busca das terras que herdou, levando consigo poucos recursos e o sonho de “ganhar o mundo”:

— Vejo que estão animados. E eu estou com muita raiva. Quero provar quem sou àqueles condenados. Mas se sentem, que eu ainda não acabei de falar. João Rufo está espantado, vendo eu querer começar esta guerra, dispondo só de quatro homens, dois cavalos, uma burra e três armas velhas... Mas isso é só o começo. (QUEIROZ, 2008. p. 98)

Para seguir esse caminho, demonstrar sua coragem e liderança, Maria Moura numa tentativa de desconstruir sua imagem de “Sinhazinha” muda sua aparência cortando seus cabelos compridos e usando as roupas que foram de seu pai:

Eu levantei a mão, avisando:

— Vou prevenir a vocês: comigo é capaz de ser pior do que com cabo e sargento. Têm que me obedecer de olhos fechados. Têm que se esquecer de que sou mulher — pra isso mesmo estou usando estas calças de homem.

Bati no peito:

— Aqui não tem mulher nenhuma, tem só o chefe de vocês. Se eu disser que atire, vocês atiram; se eu disser que morra é pra morrer. Quem desobedecer paga caro. Tão caro e tão depressa que não vai ter tempo nem de se arrepender. (QUEIROZ, 2008. p. 99)

A protagonista constrói sua Casa Forte, acumula muitos bens e passa a ser temida por quem conhece seu nome, aplicando a filosofia de Maquiavel de que é melhor ser temido do que amado. Conquistas das quais se orgulha tanto e traz para a mesma tanta segurança que passou a subestimar até a doutrina da igreja, tão forte no sertão nordestino, comportamento que pode ser observado quando narra “Ah, daquele tempo para cá, eu mudei muito. Imagine se agora eu ia me ajoelhar aos pés daquele padre!” (p. 18).

Outra temática presente na obra é o menosprezo com relação a sexualidade feminina, que era boicotada por homens e mulheres:

Outra comadre de Mãe veio também me contar, se benzendo: “Aqueles galinhas velhas, encruadas, pensam que amor fora do casamento tem que ser coisa do demônio. Com certeza, de noite perdiam o sono, pensando em como seriam aqueles amores da tua mãe com o belo Liberato; e tanto deviam sonhar as que tinham o seu homem de uso, como as que nunca conheceram homem nenhum. As que de homem só sabiam por ouvir dizer...” (QUEIROZ, 2008. p. 40)

A sociedade da época trata a sexualidade feminina como algo pecaminoso, seguindo a doutrina medieval da Igreja Católica, transmitida de geração em geração, sem questionamentos. Como mostra os estudos de Silva e Medeiros (2013):

A sociedade medieval sofreu uma forte imposição por parte da Igreja, no sentido de construir uma forma de pensamento que fosse capaz de manipular a sociedade, construindo uma moral que define os papéis sociais de gênero, surgindo então, uma imagem das mulheres no discurso religioso, onde Eva é a pecadora, culpada de todo o mal que ocorreu com a humanidade; Virgem Maria, a santa, assexuada, um exemplo a ser seguido e Madalena, a pecadora arrependida. (SILVA e MEDEIROS, 2013. p. 03)

Dessa maneira, fica claro que os indivíduos são influenciados por fatores internos (laços que não escolhemos, como a família.) e externos (que podemos optar, como um grupo social, uma religião.). Os discursos dos personagens são o reflexo de costumes que os antecedem e se fazem presentes no seu meio social, sendo lembrados e retransmitidos até que um indivíduo os confronte.

4 REALIDADE E FICÇÃO

A narrativa **Memorial de Maria Moura** aborda sob a ótica de diferentes narradores e personalidades, temáticas acerca do sertão nordestino.

Tais temáticas incluem a educação recebida pelos personagens e também a sua ausência (influências familiares); a doutrina católica e como ela é vista e tratada no íntimo dos personagens (influências religiosas); e o comportamento das pessoas com relação aos poderosos, aos impotentes e às mulheres (influências sociais).

Não diferente do mundo real, a narrativa exhibe como o ser humano é lapidado ao decorrer do tempo e como determinados eventos motivam a tomada de escolhas. Na ficção aqui estudada, os acontecimentos são impactantes e as ações dos personagens intensas. De acordo com Candido (2000):

Nada mais importante para chamar a atenção sobre uma verdade do que exagerá-la. Mas também, nada mais perigoso, porque um dia vem a reação indispensável e a relega injustamente para a categoria do erro, até que se efetue a operação difícil de chegar a um ponto de vista objetivo, sem desfigurá-la de um lado nem de outro. (CANDIDO, 2000. p. 03)

Apesar da distância entre realidade e ficção, é importante destacar como a autora chama a atenção para fatos sociais frequentes da época sem que se torne artificial, ainda que se trate de uma criação, é possível encontrar verdades nas entrelinhas. Essas são características notáveis dos escritores brasileiros renomados e Rachel de Queiroz não decepciona nesse quesito.

A estrutura familiar, as crenças e as intervenções sociais são fatores que sempre estarão presentes no desenvolvimento da identidade dos indivíduos. Esses são temas do cotidiano da sociedade e um dos aspectos do movimento literário no qual a obra está situada, e que conforme afirma Antonio Candido:

Parece que o Modernismo (tomado o conceito no sentido amplo de movimento das idéias, e não apenas das letras) corresponde à tendência mais autêntica da arte e do pensamento brasileiro. Nele, e sobretudo na culminância em que todos os seus frutos amadureceram (1930-40), fundiram-se a libertação do academismo, dos recalques históricos, do oficialismo literário; as tendências de educação política e reforma social; o ardor de conhecer o país. (CANDIDO, 2000. p. 124)

A abordagem detalhada sobre características regionais, sociais e de cunho religioso mostra a pluralidade do campo de conhecimento da autora e sua competência em tratar de diversos assuntos em diferentes perspectivas, criando personagens – masculinos e femininos – convincentes.

As mudanças que os personagens sofrem demonstram a dinâmica social que ocorre constantemente. Começando pela personagem protagonista, Maria Moura representa a mulher a frente de seu tempo, capaz de lutar e enfrentar qualquer um que tente intimidá-la, criar as próprias regras e romper os padrões para provar sua liderança, força e coragem; Marialva é a imagem da mulher oprimida, que teme tomar decisões e correr riscos, mas que se apegou a primeira oportunidade de escapar da vida cheia de imposições como uma tentativa de conquistar um pouco de liberdade e afeto; “O Beato Romano” retrata um homem do qual não consegue se livrar das amarras que o puseram, ao mesmo tempo que as escolhas impostas a ele causam sofrimento, não há uma maneira de abandonar o aprendizado de toda uma vida; “O Tonho” é a figura de um ser egoísta e ganancioso, incapaz de demonstrar empatia quando não pode tirar proveito de alguma situação; e Irineu corresponde ao jovem que busca referência em seu irmão mais velho, sem muita personalidade própria.

Cada narrador apresenta um objetivo, mas somente três deles decidem pela mudança, ainda que cercada de riscos e incertezas: Maria Moura, Marialva e “O Beato Romano”. Enquanto os demais, “O Tonho” e Irineu, retratam a acomodação. Utilizando as palavras de Candido (2000), as particularidades dos personagens são “aspectos sociais que envolvem a vida artística e literária” (p. 17), sendo expostas com fluidez na narrativa.

Dessa forma, é possível estabelecer conexões entre os aspectos da realidade da época e a reprodução desenvolvida no texto, traçando semelhanças no que se refere a construção da identidade de um indivíduo e as inclinações de cada um.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No desdobramento do presente trabalho, foi possível apresentar a importância da escrita de Rachel de Queiroz na sociedade e na literatura brasileira, com seu papel de representatividade feminina e regional. As criações da autora expõem uma realidade sociocultural de forma espontânea.

Na obra em questão, é possível observar as diferentes influências (familiar, religiosa e social, como sugere o título do trabalho) em evidência na vida e no comportamento dos personagens, permitindo analisar a construção dos personagens com base em determinadas influências. A fidelidade no que diz respeito a reprodução oral da fala dos personagens, suas vestimentas, as comidas típicas e os costumes é de uma competência admirável, possibilitando criar imagens com facilidade dos espaços, acontecimentos e dos personagens.

A escolha dessa obra em específico, se deu por três motivos: primeiro, por se tratar de uma obra brasileira e regionalista, o que motiva buscar novas descobertas sobre a cultura nordestina; segundo, por conter personagens femininas que lutam, se arriscam, comandam e confrontam, próximas da realidade, ao contrário das que foram idealizadas como vítima frágil, indefesa, símbolo de sensualidade e perdição, comumente criadas por homens; e terceiro, por envolver facilmente quem a ler numa leitura prazerosa. Uma obra simplesmente fascinante.

O foco da pesquisa desenvolvida neste trabalho está em explorar comportamentos individuais e sociais, buscando reflexos de condutas atemporais existentes entre a literatura e a sociedade, na construção dos personagens enquanto representação de sujeitos.

Os estudos aqui iniciados poderão servir de base para pesquisas futuras de maneira mais minuciosa, uma vez que as análises realizadas aqui se limitam aos narradores, personagens centrais na obra.

REFERÊNCIAS

ABREU, Laile Ribeiro de. **Memorial de Maria Moura**: percurso crítico e representação da memória. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, 2011.

BÍBLIA, A. T. Êxodo. In: **Bíblia Sagrada**: edição pastoral. Tradução de Ivo Stomiolo, Euclides M. Balancin. São Paulo: PAULUS, 1991. p. 92

BOSI, Alfredo. VII. PRÉ-MODERNISMO E MODERNISMO; VIII. TENDÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS. In: **História concisa da literatura brasileira**. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006. p. 303-397

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

CHASTENET, Jacques. **A vida de Elizabeth I de Inglaterra**. Tradução de José Saramago. 2. ed. São Paulo: Círculo do Livro, 1976.

GUERELLUS, Natália de Santanna. Feminismo e anarquismo nos anos 1920: um diálogo entre Rachel de Queiroz e Maria Lacerda de Moura. XXVII Simpósio Nacional de História, 07, 2013, Natal. **Anais eletrônicos**. Natal, Rio Grande do Norte: ANPUH, 2013. Disponível em: <<https://anpuh.org.br/index.php/documentos/anais/category-items/1-anais-simposios-anpuh/33-snh27?start=880>>. Último acesso em: 14 nov. 2019.

HOEFLE, Scott William. Igreja, catolicismo popular e religião alternativa no sertão nordestino. *Revista de Ciências Sociais*, v.26, n.1/2, Universidade Federal do Ceará, 1995, p.24-47. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/10342>>. Último acesso em: 14 nov. 2019.

HOUAISS, Pequeno dicionário Houaiss da língua portuguesa / Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, [organizador] ; [diretores Antônio Houaiss, Mauro de Salles Villar, Francisco Manoel de Mello Franco]. – 1. ed. – São Paulo: Moderna, 2015.

QUEIROZ, Rachel de. **Memorial de Maria Moura**. 1. ed. (Coleção Folha Grandes Escritores Brasileiros; v. 6) Rio de Janeiro: MEDIAfashion, 2008.

SILVA, André Candido; MEDEIROS, Marcia Maria. Sexualidade e a História da mulher na Idade Média: a representação do corpo feminino no período medieval nos séculos X a XII. *Revista Eletrônica História em Reflexão* (UFGD), v. 7, 2013, p. 1-16. Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/2946>>. Último acesso em: 14 nov. 2019.